



ESTILO comportamento

Corpo de delito

AGORA QUE NÃO IR AO GINÁSIO É QUASE UM *FAUX PAS* SOCIAL, ESTAREMOS A ATRAVESSAR UMA FASE DE MAIOR PODER NO QUE TOCA AO CORPO OU A ENGANARMO-NOS A NÓS PRÓPRIOS? TIRÁMOS AS MEDIDAS À QUESTÃO. POR ROSÁRIO MELLO E CASTRO.

Quando a Duquesa de Windsor dizia, naquele tom despreocupado de quem tem pouco a temer, que uma mulher nunca é “rica demais nem magra demais”, não só nomeava duas características reveladoras da condição humana – dinheiro e beleza – como desencadeava um debate que prometia prolongar-se durante décadas. Enquanto a discussão sobre a (extrema) magreza feminina aumenta de tom, na indústria da Moda e não só, lembramo-nos de que há algo de muito mais intemporal que está, afinal, por detrás de tanta polémica: o corpo. E muito se tem discorrido sobre ele nos últimos tempos, sobretudo quando a cultura popular e as suas figuras se tornaram tão determinantes para a formação de certos (pre)conceitos sociais. “A imagem corporal nunca foi tão valorizada como acontece na

sociedade de hoje”, confirma a professora Ana Carvalheira, psicoterapeuta e investigadora, para quem o modelo actual de beleza dominante se define nos seguintes termos: “corpos jovens, tonificados e com uma pele lisa”. A própria História da Humanidade está aí para comprovar a tendência. “Se, antes, o corpo era mantido enquanto energia vendável; hoje, ele representa um estilo de vida”, lembra Vítor Ferreira, sociólogo e investigador no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Numa altura em que o poder e a pressão corporais convivem qual dois reversos de uma mesma medalha social, é fácil confundirmo-nos. Seremos tão donos do nosso corpo como pensamos? Mais: se o senso comum nos diz que os estereótipos de beleza corporal locais perdem cada vez mais terreno para os modelos globais, o que dizer sobre a relação que temos

com o corpo hoje? Parte da resposta a estas questões parece estar nos 80% da população ocidental que se confessa insatisfeita com a sua imagem corporal. “De forma mais ou menos intensa, este é um factor que causa mal-estar e que promove a procura de um ideal a atingir”, diz Patrícia Pascoal, psicóloga clínica e investigadora. E não é necessariamente de distúrbios alimentares de que falamos. O cenário é especialmente comum entre as mulheres cujas profissões estão ligadas à imagem, mas tem-se democratizado entre elementos do sexo feminino de todas as idades, grupos étnicos e estratos sociais. “Falamos de mulheres que procuram adequar-se a uma imagem estereotipada, vivendo angustiadas com a inevitabilidade da perda da juventude”, acrescenta a psicóloga. Por outras palavras, pessoas que se determinam pela sua imagem ▷

ESTILO comportamento

corporal. José Manuel Palma, professor universitário doutorado em Psicologia Social concorda. “Quando o corpo se transforma numa característica central para a definição do eu, as consequências são muito fortes.” Não só na forma como nos vemos a nós próprios, como na perspectiva com que olhamos (e avaliamos) os outros.

Os próprios homens deixaram de conseguir escapar à pressão. Pelo menos, é o que denuncia Paulo Macedo, director de Moda da *Vogue Portugal*, para quem o ginásio é mais do que um hábito saudável, é um vício quase diário. Depois de uma adolescência marcada por uma desconfortável magreza, contrariar esta inclinação natural do seu corpo tornou-se uma das suas prioridades. “Odeio que me digam que estou muito magro”, diz o antigo modelo profissional. Os cuidados dispensados com o físico são complementados com a toma regular de vitaminas, antioxidantes e batidos de proteínas. “Claro que sinto diferenças no meu bem-estar, mas, ir ao ginásio é, em primeiro lugar, uma questão de vaidade”, confessa. Uma declaração surpreendente, especialmente porque o director de Moda da *Vogue Portugal* é também um ávido fumador.

A realidade é que a promessa do imediato é um factor de atracção irresistível, em especial quando faltam dois meses para o Verão e esta-

Até a saúde está cada vez mais “cosmetizada”. A ideologia do “quem quer consegue” é vendável de muitas maneiras.

mos desesperados por um corpo novo. Até a saúde está cada vez mais “cosmetizada”. A ideologia do “quem quer consegue” é vendável de muitas maneiras, dos produtos *light* às vitaminas, passando pelas próprias revistas. “Transparece uma mensagem moral que incita as pessoas a serem mais responsáveis, existe uma espécie discurso de culpabilização”, avisa Vítor Ferreira. É a eterna sensação de que podemos sempre ser um pouco mais magros, ter um pouco mais de músculo... Mas também uma desculpa confortável para nos sentirmos melhor com os nossos defeitos? Para a fisiologista Teresa Branco, directora da Clínica de Gestão de Peso Metabólica, é tudo uma questão de perspectiva. “Todas somos bombardeadas

com imagens de mulheres muito magras, mas nem todas queremos ser assim”, diz. Embora a experiência de Teresa revele que é a imagem e não a saúde que está no topo das prioridades de quem procura a sua clínica para perder peso, é preciso desmistificar a ideia de que alguém que vai ao ginásio cinco vezes por semana seja obcecado com o corpo. “Fazemo-lo porque nos queremos sentir bem com a nossa imagem e também porque preferimos vestir o 38 do que o 44”, defende a especialista. “Somos simplesmente mais sensatas.”

E o que dizer da beleza toda-poderosa e dos seus cânones? Sempre existiram, em todas as

Uma rapariga da América do Sul, ciente das reacções que provocava nos seus conterrâneos masculinos, queixava-se de ouvir constantes piropos à sua figura. Algum tempo depois, mudou-se para Nova Iorque. Começou por gabar, impressionada, a boa educação dos homens da cidade, mas bastaram duas semanas para a sua opinião mudar: os nova-iorquinos eram bem mais frios do que os sul-americanos. Passado um mês, ainda sem sentir o olhar indiscreto do sexo oposto, apercebeu-se de que o problema afinal não eram eles, era ela: descobriu que era gorda.”

Também no que toca à atracção sexual, a imagem corporal pode ter influências surpreendentes. E não falamos apenas da volatilidade das primeiras impressões. Alguns estudos conduzidos sobre o assunto revelam que há muito mais de físico nesta equação do que as aparências fazem querer. Segundo os resultados encontrados, o ideal de beleza feminina das mulheres questionadas passava por ter um silhueta esguia. Por sua vez, o dos homens em relação a elas aproximava-se muito do tipo de silhueta que normalmente vemos numa *Playboy*, com ancas e peito cheios. Ao perguntaram aos homens o que é que eles achavam que as mulheres mais gostavam neles, a maior parte mencionou corpos volumosos, quando, na verdade, elas procuravam figuras bastante mais finas. “Embora esta tendência tenha excepções, o que os investigadores descobriram foi que o tipo de corpo masculino pelo qual as mulheres se sentiam mais atraídas aproximava-se muito do ideal de beleza que elas tinham

para elas mesmas e vice-versa”, esclarece José Manuel Palma. O que uma mulher desejava num elemento do sexo oposto era, no fundo, um espelho do que ela própria gostaria de ser.

Estereótipos e preconceitos à parte, entre a beleza e a saúde, não restam dúvidas de que é quase impossível fugir às regras corporais que a sociedade nos dita. Se são as suas vantagens ou as suas desvantagens que mais pendem na nossa balança de resoluções, cabe a cada um decidir. Até porque não basta conhecermos os nossos limites, é preciso perceber que, até no que toca à beleza corporal, nada se perde, tudo se transforma, seja em mais dois quilos ou em mais uma ruga. ■

